

WALL, A. Levels of Discourse and levels of dialogue. In: Thomson, C. e DUA, H.R (Org.). *Dialogism and cultural criticism*. London, Canada: Mestengo Press, 1995. p. 65-82

*Adriana Pucci Penteado de Faria e Silva**

O texto de Anthony Wall, pesquisador (*Research Chair*) do Departamento de Francês, Italiano e Espanhol da Universidade de Calgary, é o último dos quatro artigos da primeira sessão “Problemas de Teoria/ Método”, do livro *Dialogism and cultural criticism*. “Levels of Discourse and levels of dialogue” começa com uma afirmação provocativa: “Certamente, não é fácil saber o que significa, precisamente, dizer que sabemos algo”. Esse é o mote para algumas considerações sobre o saber na obra *Teeteto*, de Platão.

Conforme Wall, normalmente, o conhecimento é concebido como resultado de um tipo particular de relação de poder entre um sujeito que sabe e um objeto que é sabido/conhecido. Nesse sentido, evoca Theodor Adorno, em *Against Epistemology*, que considera a cisão objeto/sujeito uma resposta filosófica às cisões sociais, criadas pela especialização de pessoas a quem se permite fazer apenas certos trabalhos. Esse modelo de conhecimento perpetua estruturas de poder. Essa concepção de sujeito e objeto do conhecimento concebidos separadamente torna-se extremamente problemática ao lidar-se com conhecimentos sobre sociedades humanas ou produtos culturais. Para Wall, a teoria literária, em grande parte, vem adotando uma perspectiva crítica em relação a essa separação na tentativa de desenvolver um modelo adequado para produtos culturais e trabalhos literários em particular.

* Doutoranda da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP/bolsista do CNPq; appucci@uol.com.br

Um dos meios mais promissores para se olhar a relação entre estruturas de conhecimento e estruturas discursivo-literárias é ver como certos textos por meio de diferentes configurações de níveis de narrativa (diegéticos, de abstração, analíticos) são capazes de imitar, refletir, contestar ou até dispensar modelos clássicos de aquisição e transmissão de conhecimento, o que significa refratar, contestar ou dispensar as estruturas dominantes de poder. O discurso literário pode ensinar que há vários tipos de conhecimento e múltiplos campos de validade, demonstrando que o conhecimento, em suas múltiplas formas, é comunicado por diversas formas e canais.

O autor retoma *Teeteto*, descrevendo uma série de questões sobre *saber como sabemos que sabemos algo* e anunciando duas observações sobre esse texto de Platão, a fim de forjar um elo entre o problema da epistemologia aplicada aos textos literários e a questão do diálogo na escala de todo um sistema cultural.

Wall aponta para a importância do uso do diálogo no texto platônico como uma chave para se quebrar a tradicional objetivação no estilo ocidental de modelo de conhecimento baseado em sujeito-objeto. Como modelo de troca e de conhecimento, conforme aparece nos escritos bakhtinianos, o diálogo rompe o modelo social, organizado entre superior e subordinado, forma geralmente utilizada para o entendimento sobre o que é conhecer algo. O diálogo é capaz de romper com as hierarquias, falando através de fronteiras, perfurando-as e mostrando que os dois lados por ela estabelecidos estão dialogicamente relacionados.

O fato de o diálogo ser capaz de incorporar as mesmas diferenças e estruturas que ele pode querer criticar demonstra como é vã a tentativa de se construir um modelo em que o conhecedor seria, ontológica e hierarquicamente, removido do objeto sobre o qual tenta aprender algo. O diálogo na perspectiva bakhtiniana constroi hierarquias mais ou menos lógicas e, ao mesmo tempo, escava essas estruturas, forçando-as a admitir que, no final, nem mesmo o discurso autoritário é capaz de englobar o outro completamente ou separar-se dele inteiramente.

Teorias sobre trocas/diálogos culturais baseadas no discurso, tal como as teorias bakhtinianas sobre o carnaval e o dialogismo, sustentam situações em que há uma impossibilidade inerente para que o discurso de quem quer que seja ganhe uma superioridade indiscutível sobre o discurso de outrem. A teoria dialógica bakhtiniana,

segundo Wall, ressalta elementos das trocas culturais, demonstrando até que ponto o ser humano, numa relação social com outro, não se isola nem do outro e nem de seu discurso. Essa situação de impossibilidade de isolamento concretiza-se em duas noções: dialogismo e carnavalização. O dialogismo explica como nossos pensamentos são habitados por outras vozes e a carnavalização confere a todos, simultaneamente, o caráter de espectadores e participantes.

Indagando-se sobre as relações entre dialogismo, carnavalização e crítica literária, o pesquisador canadense evoca as teorias de interação discursiva, que não se lançam contra nenhum modelo linguístico de diálogo, diferentes teorias sobre a linguagem, como as de Tarski e Russel, Paul Ricouer, Umberto Eco, Derrida e Habermas. Na teoria deste último, Wall vê similaridades com o modelo dialógico de Bakhtin. Ele explica que para Habermas, assim como para Horkheimer e Adorno em *Dialect of Enlightenment*, o modelo epistemológico de separação entre sujeito e objeto está no centro da noção de razão do Ocidente, ligada a um funcionalismo implícito.

A estrutura do trabalho de Habermas lhe parece “profundamente amigável” com a teoria bakhtiniana. Examinando o que realmente se faz quando se fala não apenas com alguém, mas quando se fala sobre alguém, direta ou indiretamente, ou sobre o que a pessoa disse, segue-se um número de princípios fundamentais do uso da linguagem e das trocas culturais. Nesse esquema, relações interdiscursivas não são uma questão de tipificação lógica, ou de incrustação, ou de imposição de sentidos entre camadas permeáveis. Se uma pessoa não domina outra, ainda é possível fazer muitas coisas com o outro e para o outro. Interação nem sempre é dominação, numa concepção bakhtiniana, assim como o fato de objetos dialógicos de conhecimento não serem objetos, mas parceiros dialógicos: podem sempre responder a alguém e transformar em objetos englobados em seu discurso.

A força do modelo epistemológico de Bakhtin está em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, cujas formas artísticas conseguiram não transformar os discursos de outrem em objetos. As palavras dos outros são sempre uma fonte de surpresa e descobrimento, não são objetos de um olhar fixo ou discurso dominador que lhes confere um poder superior. Para Wall, a releitura que Bakhtin faz de Dostoiévski, permite repensar as práticas metadiscursivas e a importância das relações hierárquicas implicadas nos mecanismos linguísticos do discurso citado. Esse fenômeno crucial funciona de acordo com um modelo em

que um produtor discursivo tenta envolver o discurso do outro dentro de seu enunciado. O discurso de outro não deve ser transformado em produto, mas considerado produção da vida. Indo mais longe: modelos de aquisição e transmissão de conhecimento podem ser reformulados dentro de uma perspectiva de trocas/diálogos culturais.

Mesmo as críticas implicadas em práticas carnavalescas ritualizadas podem ser entendidas não contra o discurso do dia-a-dia e as relações culturais, mas em conjunção com essas práticas cotidianas, porque, em ambas, percebe-se a possibilidade de derrubar as paredes que os modelos de conhecimento ocidentais ergueram entre objetos e sujeitos. Nenhum dos aspectos dialógicos do discurso, para Wall, pode se construído em termos de hierarquias lógicas, mas sim de parcerias.

Wall surpreende o leitor com sua erudição ao valer-se do discurso de tantos pensadores para discutir questões pertinentes à teoria dialógica. Evidencia as relações entre a noção de carnavalização e o discurso citado, antecipando as reflexões que embasaram sua obra posterior. Na obra *Droit de citer* (2004), o pesquisador retornará a essas questões ao analisar a citação em enunciados verbais, visuais e musicais, expandindo suas reflexões para diversas artes.